A ABORDAGEM SOCIOCONSTRUTIVISTA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA APARECIDA DIAS

RESUMO

O presente artigo é fruto de nossa trajetória profissional docente e das reflexões fomentadas durante o percurso formativo no Instituto de Tecnologia e Qualificação (ITEQ). Ao longo desse processo, desenvolvemos uma compreensão profunda sobre o papel da educação escolar no desenvolvimento integral das crianças, com o foco em proporcionar uma aprendizagem significativa. Nesse contexto, a educação não deve apenas transmitir conteúdos, mas oportunizar condições para que os alunos ingressem de forma crítica e participativa na sociedade. Para que isso seja possível, é fundamental a articulação entre os saberes pedagógicos e os conhecimentos específicos da Educação Física, destacando-se a importância de práticas que dialoguem com as experiências e realidades dos estudantes. A Educação Física, vista sob essa lente, ultrapassa o caráter meramente recreativo ou físico e se torna uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo dos alunos.

O artigo analisa, de maneira específica, a abordagem socioconstrutivista no ensino da Educação Física, que enfatiza a importância das interações sociais e da construção coletiva de conhecimentos. Essa abordagem promove um ambiente de aprendizagem colaborativo, onde os alunos são encorajados a refletir criticamente sobre suas práticas, desenvolver autonomia e participar ativamente do processo educativo. O sócio construtivismo, ao valorizar a participação ativa dos estudantes, proporciona um terreno fértil para que o ensino de Educação Física não seja apenas um momento de movimento corporal, mas sim uma oportunidade de formação integral, envolvendo o corpo, a mente e as relações sociais. Dessa forma, o artigo propõe uma reflexão sobre como a prática pedagógica na Educação Física pode ser alinhada com as bases teóricas do sócio construtivismo, contribuindo para uma educação mais crítica e transformadora, em sintonia com as demandas e os desafios do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Educação; Construtivismo; Escola; Educação Física

ABSTRACT

This article is the result of our professional teaching career and the reflections fostered during the formative journey at the Institute of Technology and Qualification (ITEQ). Throughout this process, we developed a deep understanding of the role of school education in the holistic development of children, focusing on providing meaningful learning. In this context, education should not only transmit content but also create conditions for students to engage critically and actively in society. To achieve this, it is essential to align pedagogical knowledge with the specific content of Physical Education, highlighting the importance of practices that resonate with students' experiences and realities. Physical Education, viewed through this lens, goes beyond merely recreational or physical activities and becomes a powerful tool for the social, emotional, and cognitive development of students.

The article specifically analyzes the socio-constructivist approach in Physical Education teaching, emphasizing the importance of social interactions and collective knowledge construction. This approach promotes a collaborative learning environment where students are encouraged to critically reflect on their practices, develop autonomy, and actively participate in the educational process. Socio-constructivism, by valuing active student participation, provides fertile ground for Physical Education to be not just a time for physical movement but an opportunity for holistic development, involving the body, mind, and social relationships. In this way, the article proposes a reflection on how pedagogical practices in Physical Education can align with the theoretical foundations of socio-constructivism, contributing to a more critical and transformative education, in tune with the demands and challenges of the contemporary world.

Keywords: Education; Constructivism; School; PE

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise dos fundamentos da abordagem construtivista da Educação Física. Primeiramente, serão expostos os pressupostos gnosiológicos e ontológicos do pensamento socioconstrutivista, do qual a referida abordagem extrai seu embasamento teórico, já em sua relação com pontos específicos presentes em obras que podem ser consideradas como pertencentes à perspectiva construtivista da Educação Física.

O que justifica a elaboração deste trabalho é a possibilidade de se obter um aprofundamento na compreensão de determinados aspectos da proposta da Educação Física, aqui estudada, através da análise de suas relações com o pensamento de autores construtivistas.

Nessa perspectiva o aprofundamento põe em evidência a importante relação entre a abordagem socioconstrutivista e a Educação Física escolar, fomentando a reflexão sobre a importância de o docente aprofundar-se nesse enlace.

A ABORDAGEM SOCIOCONSTRUTIVISTA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física enquanto componente escolar pode contribuir de maneira significativa para aquisição de conhecimentos significativos do movimento corporal. Cabe compreender os mecanismos de intervenção da Educação Física no processo formativo escolar, para que se possa ter efetividade de sua prática como atividade pedagógica. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apesar de não recebem relevo por ser um instrumento orientador na tarefa de reflexão e discussão de aspectos da prática pedagógica e de suas abordagens no cotidiano escolar.

O PCNS visa auxiliar o professor

Na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade (Min. Paulo Renato de Souza, abertura)

Segundo os PCNs, que tem a inclusão como um dos seus princípios, a Educação

Física na escola é responsável pela formação de alunos para que estejam aptos a participar e organizar atividades corporais, adotando atitudes de respeito mútuo, desfrutando das diferentes manifestações da cultura corporal, padrões de beleza e de desempenho; adotando hábitos saudáveis.

Assim,

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe assinalar que os alunos portadores de deficiências físicas não podem ser privados das aulas de Educação Física. (PCN Educação Física Ensino fundamental, 19) E

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Sobre o jogo da amarelinha, o voleibol ou uma dança, o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-los esteticamente, avaliá-los eticamente, ressignificá-los e recriá-los. (IBID.)

De tal modo, a inserção da Educação Física no curriculum escolar representa muito mais que a aplicação tácita de técnicas de jogos e esportes, ou práticas recreativas, que servem de suporte às demais disciplinas. O objetivo da educação Física é contribuir para o desenvolvimento integral da criança por meio de atividades variadas com um nível mais elevado dos planos físicos, mental e social.

Ao analisar o PCN de Educação Física, Seabra Jr. (2006) destaca que os PCN, nos seus documentos para educação física, incluem propostas, ideias e concepções embasadas em diferentes abordagens da educação física, como a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, desenvolvimento humano e das habilidades motoras (abordagem desenvolvimentista), o resgate aos

jogos e brincadeiras presentes na cultura infantil (abordagem construtivista), a pluralidade cultural, a cultura corporal, aspectos sócio-históricos (abordagem crítico-superadora), a necessidade de compreensão dos benefícios da atividade física e do esporte (abordagem da saúde renovada) e a não exclusão (abordagem sistêmica), demonstrando a preocupação com o desenvolvimento das múltiplas dimensões do ser humano dentro da especificidade da educação física.
Uma vez, esboçado aqui as abordagens sistêmicas, Crítico-superadoras e Desenvolvimentistas, no próximo capítulo queremos dedicar maior relevo à abordagem Construtivista-interacionista, passando, em breve pelo sócio construtivismo e em seguida pela contribuição de João Batista Freire (1997), que tem influência aceita em nossa prática docente.
As preocupações com a formação integral do aluno abrem possibilidades de pensar as intenções pedagógicas no contexto da Educação Física no ambiente escolar. Encontrar uma abordagem que dê sentido às expectativas da sociedade à formação de suas crianças em quem depositam, seus mais profundos ideais colocam aos profissionais de educação física o desafio de encontrar uma abordagem que corresponda ao papel atribuído à sua disciplina no horizonte das expectativas da sociedade.
Vimos no capítulo anterior algumas das principais abordagens que vem sendo desenvolvidas no âmbito do ensino escolar. Neste capítulo procuramos desenvolver com maior proximidade da abordagem socioconstrutivista, que encontra larga aplicação entre os profissionais de educação em geral.
É preciso considerar, antes de tudo, que tal abordagem emergiu com a sociedade urbana, capitalista e industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na sua comunidade, começando a lançar maior interesse pela formação infantil.
A partir então, da dimensão dada à educação infantil, tornou-se necessário debruçar-se sob métodos e abordagens pedagógicas que pudessem auxiliar na formação da criança.
E à luz dos estudos da Psicologia do Desenvolvimento e de seus questionamentos sócio pedagógicos, se buscou, portanto, estabelecer um método de abordagem no cuidado pedagógico em educação infantil que se estendeu para todo o arco de formação da criança desde sua inserção na creche, passando por sua adolescência no ambiente escolar, até sua saída da escola com o ensino médio. Dentre as abordagens desenvolvidas a socioconstrutivista, que encontra sua justificação nas contribuições teóricas de Piaget e Vygotsky, são as que mais caracterizaram as relação ensino-aprendizagem, atingindo também o ensino-prática de educação física.
A abordagem socioconstrutivista, como apenas apontado, é fruto do desenvolvimento dos estudos do desenvolvimento infantil e enquanto prática pedagógica surge da junção das concepções da epistemologia genética de Jean Piaget e da pesquisa sócio-histórica de Lev Vygotsky.
Fundador dos estudos em Psicologia do Desenvolvimento, Jean Piaget (1896 e
1980) dedicou toda a sua vida a uma preocupação central: a formação e o desenvolvimento do conhecimento que o fez inaugurar a Epistemologia Genética. Ele desenvolve importantes estudos a respeito do desenvolvimento psicogenético, contribuindo para a compreensão de como se dá a aprendizagem infantil e destacará a importância das interações sociais no desenvolvimento da criança. Segundo ele,

A vida social dos seres humanos repousa essencialmente na formação das novas gerações pelas precedentes, Isto é, uma transmissão exterior ou educativa e não interna ou hereditária, e a primeira preocupação de um regime que pretende se instaurar e se manter é cuidar dessa formação escolar, ou seja, adotando o meio mais direto à sua disposição, e que, sobretudo, influencia a educação pela família... Educar é adaptar a criança ao meio social adulto, isto é transformar a constituição psico-biologica do indivíduo em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor. Portanto, há dois termos na relação constituída pela educação: de um lado, o indivíduo em crescimento, de outro, os valores sociais, intelectuais e morais nos quais o educador está encarregado de inicia-lo. (PIAGET, 1975, p 92, 139).

Para Piaget, então, a educação, é o mecanismo pelo qual a criança será trabalhada em seus aspectos físico-psíco-emocional, e o ato de "educar", deve ser vivido com dinamicidade, envolvendo todo o ser da criança, em vista de um desenvolvimento pleno e harmonioso.
Fundado em suas contribuições, o Construtivismo, idealiza a escola como espaço prazeroso, aberto às descobertas, interessante aos olhos da criança, em que a manipulação e experimentação do conhecimento conduz a criança a aprender por si, em um processo contínuo de fazer e refazer. Na perspective construtivista, portanto, aprender é construir. De tal modo,
A concepção construtivista da aprendizagem e do ensino parte do fato óbvio de que a escola torna acessíveis aos alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não só no âmbito cognitivo; a educação é motor para o desenvolvimento, considerado globalmente, e isso também supõe incluir as capacidades de equilíbrio pessoal, de inserção social, de relação interpessoal e motoras. Ela também parte de um consenso já bastante arraigado em relação ao caráter ativo da aprendizagem, o que leva a aceitar que esta é fruto de uma construção pessoal, mas na qual não intervém apenas o sujeito que aprende; os "outros" significativos, os agentes culturais, são peças imprescindíveis para essa construção pessoal, para esse desenvolvimento ao qual aludimos. (SOLÉ, COLL, 1999, p. 19)
No Brasil, o Construtivismo teve enorme impacto a partir das pesquisas e contribuição de Emilia Ferreiro.

[...] a teoria construtivista desempenhou um papel muito importante no processo de ressignificação das relações ensino-aprendizagem, de modo geral, e na alfabetização, em especial. [...] ao demonstrar que existe um processo contínuo e crescente de construção de hipóteses cada vez mais bem elaboradas por parte do sujeito, a teoria construtivista mostra que uma criança que apresenta, por exemplo, escrita pré-silábica, não deve ser avaliada tendo como referência a norma-padrão, mas sim seu padrão de escrita anterior – o que, inevitavelmente, comprovará que essa criança está avançando no seu processo de construção da escrita. Entendo que, só por essa contribuição, a teoria construtivista terá o seu merecido reconhecimento histórico. (LEITE, 2010, p. 24-25)

Não obstante,
a) Contribui para a subestimação da natureza da escrita, na medida em que desconsidera as suas dimensões linguísticas; b) produziu a concepção de que a alfabetização escolar é incompatível com a proposta de métodos pedagógicos. Em consequência disso, c) a alfabetização passou a ocorrer de forma aleatória, com base na crença de que basta criar uma condição que possibilite o convívio com a escrita que a criança se aproprie desse sistema simbólico e convencional. (Idem, 2010, p 26)

Segundo Leite, as críticas feitas à teoria construtivista abriram caminho para a aplicação das teoria histórico-cultural de Vygotsky.
Como Piaget,

Vygotsky afirma que o conhecimento se dá por causa da ação do sujeito sobre o objeto [...] além disso, postula a condição de sujeito ativo, ou seja, reconhece que, na relação com o objeto, o sujeito elabora ideias e hipóteses – aliás, aceita essa relação na sua radicalidade, ao assumir que a aprendizagem promove o desenvolvimento. Porém, diferentemente de Piaget, Vygotsky crê que a relação sujeito-objeto é sempre mediada por agentes culturais, que podem ser pessoas – ênfase no papel do outro – os outros mediadores culturais. (Idem, p. 27)

Nesta perspectiva, se recupera a importância do adulto/educador, que se manifesta no papel da escola.

[...] A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vygotsky: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com as outras pessoas... (OLIVEIRA,1992, p.33).

A partir da teoria histórico-cultural de Vygotsky, então, a abordagem socioconstrutivista considera a educação um processo que se desenvolve nas práticas e pelas práticas sociais, e passam do plano social ao individual através do processo de internalização que constitui um salto qualitativo em que as funções deixam de ser de natureza biológica e passam a ser de natureza cultural.

O processo de internalização consiste: (a) na reconstrução e ocorrência interna de uma operação que inicialmente representa uma atividade externa, (b) na transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal e (c) esta transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991, p. 64).

É fundamental na concepção vygotskyana o conceito de "zona proximal" que permite inferir, no processo pedagógico, o papel fundamental de mediação do educador, e recoloca o professor-educador no centro do processo ensino-aprendizagem.
Para Vygotsky, o aprendizado da criança começa antes do seu ingresso na escola e a aquisição do conhecimento se dá através das zonas de desenvolvimento: real e proximal. Zona de desenvolvimento real: é a do conhecimento já adquirido, o que a pessoa traz consigo. Zona de desenvolvimento proximal: define como a diferença entre o desenvolvimento atual da criança e o nível que atinge quando resolve problemas com auxílio, com orientação de pessoas mais capazes, que já tenham adquirido estes conhecimentos
O conceito de "zona de desenvolvimento proximal", permite que educadores e professores entendam o curso interno e dinâmico de desenvolvimento, identifiquem quais os processos em maturação já completados e quais estão em formação, para que, com base nestes dados, desenvolvam sua prática.
Neste sentido, torna-se importante ter em mente, que para Vygotsky, o desenvolvimento da criança nunca acompanha o aprendizado escolar. E segundo ele, as maiores aquisições das crianças são conseguidas no brinquedo, que no futuro se tornarão níveis básicos do real e da moralidade.
Outra importante contribuição de Vygotsky relaciona-se à linguagem. Para ele a fala e o uso dos signos faz com que a criança tenha controle sobre o seu comportamento. E quanto mais complexa a ação maior a importância da fala. A capacidade da linguagem habilita a criança a providenciar elementos que a auxiliam na resolução de problemas antes de sua execução e controla seu próprio comportamento.
Em suma, Vygotsky vê a aprendizagem como um processo social. A interação com os adultos e a linguagem fazem o desenvolvimento cognitivo acontecer.
Na abordagem socioconstrutivista o vínculo do jogo com o desenvolvimento é um fator fundamental, e dessa forma, o desenvolvimento dos jogos e brincadeiras devem estar articulados com as experiências que, em sentido geral são oferecidas para as crianças. Essas experiências são, em larga medida, responsabilidades do educador, como organizador do cotidiano educacional. Portanto, quanto mais diversificado for o cotidiano, tanto maiores serão as possibilidades de criação. A diversidade de jogos e brincadeiras no espaço da educação escolar, com metodologias pedagógicas apropriadas, propiciam instrumental necessário para que a criança se aproprie do mundo, e pela qual o mundo humano penetre em seu processo de constituição enquanto sujeito histórico, que é o objetivo primeiro da Educação.
No jogo, segundo Piaget, a criança se apropria daquilo que percebe da realidade. Defende que o jogo não é determinante nas modificações das estruturas, mas pode transformar a realidade.
Em A formação do símbolo na criança, Piaget classifica em seis fases o desenvolvimento da criança e classifica os jogos segundo sua evolução, em três grandes estruturas: jogos de exercício, jogos simbólicos e jogos de regras.
Jogo de exercício: A principal característica deste estágio, que Piaget classifica como período sensório-motor, é obter a satisfação de suas necessidades. Com a ampliação dos esquemas, a criança vai cada vez se tornando mais consciente de suas potencialidades, colocando em ação um conjunto de condu-

tas, sem modificar as estruturas, onde as ações ficam dirigidas somente para atingir seu objetivo maior que é a prazer. Exemplo: O bebê mama não apenas para sobreviver, mas porque descobre o prazer de mamar, à medida que satisfaz sua fome. É isso que o faz chupar a chupeta, mesmo que não saia alimento nenhum, esse exercício lhe dá um enorme prazer. O jogo de exercício é essencialmente sensório-motor, (aparece até mais ou menos dois anos de idade) portanto, o primeiro a aparecer na criança, mas também pode envolver as funções superiores de pensamento. Este jogo estará presente em todos os estágios da nossa vida, inclusive adulta, pois o prazer deve estar sempre presente em tudo que fazemos.

Jogo simbólico: Segundo Piaget, estes jogos fazem parte da fase pré-operatória (dos dois aos seis anos de idade), onde a criança, além do prazer, começa a utilizar a simbologia. A função simbólica já está estruturada e começa a fazer imagens mentais, já domina a linguagem falada. Exemplo: A criança tem a possibilidade de vivenciar aspectos da realidade, muitas vezes difícil de elaborar: a vinda de um irmãozinho, mudança de escola ou situações boas como: ser um super-homem, imitar a mãe ou pai.

Jogo de regras: de acordo com Piaget, este jogo acontece a partir dos sete anos de idade, no período operatório concreto - a criança aprende a lidar com delimitações no espaço, no tempo, o que pode e o que não pode fazer. Ao invés de símbolo, a regra supõe relações sociais, porque a regra é imposta pelo grupo e sua falta significa ficar de fora do jogo. Exemplo: lidar com perdas e ganhos, estratégia de ação, tomada de decisão, análise dos erros, replanejar as jogadas em função dos movimentos dos outros.

Também Vygotsky, em A Formação social da mente, estabelece uma relação estreita entre o jogo e a aprendizagem. Diz que o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre a criança e as pessoas com quem mantém contatos regulares. No brinquedo, segundo ele, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim, o brinquedo antecipa o desenvolvimento que só pode ser completamente atingido com assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. Durante a brincadeira, todos os aspectos importantes da vida da criança tornam-se tema do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. É evidente que não se podem transmitir todos esses aspectos, descartando o aspecto afetivo da interação professor-aluno.

Defendendo, pois, a Educação Física como a disciplina do currículo escolar, para João Batista Freire, esta tem a responsabilidade de trabalhar pedagogicamente a cultura infantil, aproximando a realidade da escola com a realidade da criança. E segundo nosso autor, o fazer pedagógico, deve levar em consideração o conhecimento que a criança já possui, garantindo o seu interesse e a sua motivação para aprender.

Compartilhamos com nosso autor a ideia de que o conhecimento que a criança dispõe, em termos de experiências corporais, não pode ser desprezado pela escola. Entretanto, quando o autor remete à educação física, enquanto disciplina, a responsabilidade de trabalhar pedagogicamente esse conteúdo, a fim de realizar a aproximação do mundo da escola com o mundo da criança, observamos, porém, que no que se refere à sua inserção e intervenção na sociedade, corre-se o risco do

'espontaneísmo pedagógico', ou seja, sem uma perspectiva da dimensão política que permeia o fazer pedagógico.

Por fim, seguindo a concepção socioconstrutivista, aceitamos que a escola deve tornar acessível aos alunos aspectos da cultura que são fundamentais para seu desenvolvimento pessoal, e não apenas no âmbito cognitivo. Daqui, apoiados na contribuição de João Batista Freire, atentamos para o papel que a Educação Física deve ter no âmbito escolar: o de procurar proporcionar ao educando a descoberta de suas possibilidades, a exploração do espaço, o reconhecimento de si em relação ao outro e do seu corpo em movimento, procurando incentivá-lo a partir de seu próprio universo cultural de jogos e

brincadeiras, oferecendo-lhe situações que desperte para a reflexão, a construção do conhecimento autônomo e autonomizador.
Não obstante, portanto, as críticas que envolvem a proposta de João Batista Freire, principalmente a de um certo alheamento político, aceitamos sua defesa de que é importante que os alunos tenham espaço para brincar e expressar-se de acordo com jogos e brincadeiras de seu universo cultural, e que o professor seja elemento integrante de tais jogos e brincadeiras, ora como observador e organizador, ora como aquele que explicita, questiona e enriquece o conhecimento que o aluno constrói.
As considerações finais deste artigo destacam a relevância da atuação docente para além da transmissão de conhecimentos específicos. O professor, consciente ou não, desempenha o papel de mediador de valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento, elementos indispensáveis para a vida em sociedade. A interação professor-aluno não pode ser reduzida a um processo mecânico ou exclusivamente intelectual, pois envolve também uma dimensão afetiva que é fundamental para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.
Quando discutimos a importância da Educação Física no currículo escolar, com base nas ideias de João Batista Freire, percebemos que essa disciplina assume uma função ainda mais ampla. Segundo Freire, a Educação Física é responsável por trabalhar pedagogicamente a cultura infantil, aproximando o cotidiano da escola da realidade vivenciada pelas crianças. Essa aproximação é essencial para garantir que o ensino seja significativo e que os estudantes se mantenham motivados e interessados no processo de aprendizagem. Assim, o conhecimento prévio das crianças, especialmente em relação às suas experiências corporais, deve ser valorizado e incorporado às práticas pedagógicas.
No entanto, quando delegamos à Educação Física a responsabilidade de promover essa conexão entre o mundo escolar e o universo infantil, surge o risco do "espontaneísmo pedagógico". Tal risco ocorre quando as práticas pedagógicas se desenvolvem sem uma reflexão crítica ou sem considerar as dimensões políticas e sociais que permeiam o ensino. É preciso reconhecer que, embora a interação lúdica e espontânea seja importante para o desenvolvimento da criança, não podemos perder de vista o papel formador da escola como um espaço de construção crítica do conhecimento. Assim, é necessário que a Educação Física, ao trabalhar com o corpo e o movimento, também estimule o pensamento crítico e reflexivo sobre a sociedade em que vivemos.
Seguindo a concepção socioconstrutivista, acreditamos que a escola deve proporcionar aos alunos o acesso a aspectos fundamentais da cultura, indispensáveis para o seu desenvolvimento integral, e não apenas no âmbito cognitivo. A Educação Física, nesse contexto, deve ir além da simples reprodução de práticas corporais. Ela deve possibilitar ao educando a descoberta de suas potencialidades, a exploração do espaço, o reconhecimento de si mesmo em relação ao outro e do seu corpo em movimento. Tudo isso deve ocorrer em um ambiente que incentive a criança a partir do seu próprio universo cultural de jogos e brincadeiras, estimulando a reflexão crítica e a construção de um conhecimento autônomo e transformador.
As contribuições de João Batista Freire reforçam a importância de uma prática pedagógica na qual o aluno tenha espaço para brincar e expressar-se de acordo com os jogos e as brincadeiras de sua cultura. O professor, por sua vez, deve ser um participante ativo nesse processo, ora como observador e organizador das atividades, ora como aquele que questiona e enriquece o conhecimento que o aluno está construindo. Esse papel do docente como mediador e facilitador do conhecimento é central, pois, ao mesmo tempo em que respeita o saber que a criança traz consigo, amplia suas possibilidades de interação com o mundo e de reflexão crítica sobre suas vivências.
Entretanto, apesar de reconhecermos o valor da proposta de Freire, especialmente no que se refere à valorização do universo cultural infantil, também devemos ponderar sobre a necessidade de uma maior inserção política nas práticas pedagógicas. A Educação Física, assim como qualquer outra disciplina escolar, deve ser compreendida como um espaço de formação cidadã, no qual os alunos possam desenvolver uma compreensão crítica da sociedade e do seu papel como

agentes de transformação social. Portanto, o desafio está em equilibrar a espontaneidade e o lúdico com uma prática pedagógica consciente de suas responsabilidades políticas e sociais.

Em conclusão, concordamos com a defesa de Freire no sentido de que o brincar e o lúdico são essenciais para a formação do educando. No entanto, devemos lembrar que, para além da diversão, a Educação Física deve contribuir para a formação integral dos alunos, incentivando a autonomia, a reflexão e o pensamento crítico, preparando-os não apenas para o exercício de suas capacidades motoras, mas também para o exercício pleno de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em 15/10/2013

Lei Nº 9.394/1996 (LDB). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 15/10/2013.

Referencial Curricular Nacional de Educação Física. Vol. 1. 1998. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em 15/10/2013

CARVALHO, Sérgio Frank . A abordagem pedagógica sistêmica: um modelo sociológico para a Educação Física Brasileira. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 16, Nº 159, Agosto de 2011. (http://www.efdeportes.com/efd159/a- abordagem-pedagogica-sistemica-a-educacao-fisica.htm, acesso 28/9/2013)

DAOLIO, J. Da Cultura do Corpo. 1a. ed. Papiirus: Campinas, 1995. v. 01.

. A cultura da/na educação física. Campinas. Tese de livre docência. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2002.

. Educação física e o conceito de cultura. Campinas –SP: Autores Associados 2004.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), 2001.

. Educação Física na escola: questões e reflexões. 1. ed. Rio de Janeiro: Guanabara - Koogan, 2003.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro-teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997

; SCAGLIA, Alcides José. Educação como prática corporal. São Paulo: Scipione, 2003

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Alfabetização: em defesa da sistematização do trabalho, in ARANTES, Valéria Amorim (org.). Alfabetização e letramento. São Paulo: Summus. 2010

MAUAD, Juçara Maciel. Avaliação em educação física escolar: relato de uma experiência. 2003. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponivel em < http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000294904&fd=y> Acesso em 20/11/2013

OLIVEIRA, Martha Kohl de, TAILLE, Yves de La, DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus. 1992

PAIVA, Fernanda Simone Lopes. Constituição do Campo da Educação Física no Brasil. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (Coord.). A Educação Física no Brasil e na Argentina – Identidade, Desafios e Perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro. Forense Universidade, 1975.

SEARA, Eliton Clayton, Rufino e FIRMINO, Antonio Luis. Educação Física: um olhar sobre a

concepção crítico-superadora. EFDeportes. com, Revista Digital.
Buenos Aires, Año 15, Nº 149, Octubre de 2010 Disponível
<(http://www.efdeportes.com/efd149/educacao-fisica-concepcao-critico- superadora. htm>, acesso 28/09/2011

SOLÉ, Isabel; COLL, Cesar. O Construtivismo na sala de aula. São Paulo. Editora Ática. 1999
TANI, G, et al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EDUSP, 1988
TULESKI, Silvana Calvo. Vygotsky: a construção de uma psicologia marxista.
Maringá: EDUEM, 2002.

VICHESSI, Beatriz. Educação física além do físico. Disponível
<http://revistaescola.abril.com.br/avulsas/225-estante-classicodomes.shtml> Acesso em
11/11/2013
VYGOTSKY, Lev Semonovich. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988
WALLON, Henri. A Evolução Psicológica da Criança. São Paulo: Martins Fontes, 2010